

**RELAÇÕES BILATERAIS DE COMÉRCIO ENTRE
COLÔMBIA E CHINA: AS EXPORTAÇÕES COLOMBIANAS
E O INVESTIMENTO CHINÊS EM PRODUTOS AGRO
ALIMENTÍCIOS DE ORIGEM NÃO ANIMAL (2000-2018)**

**BILATERAL TRADE RELATIONS BETWEEN COLOMBIA
AND CHINA: COLOMBIAN EXPORTATIONS AND THE
CHINESE INVESTMENT IN AGRO FOODSTUFFS OF NON-
ANIMAL ORIGIN (2000-2018)**

**RELACIONES BILATERALES DE COMERCIO ENTRE
COLOMBIA Y CHINA: LAS EXPORTACIONES
COLOMBIANAS Y LA INVERSIÓN CHINA EN PRODUCTOS
AGRO ALIMENTICIOS DE ORIGEN NO ANIMAL (2000-2018)**

Glaucya Abdalla Scheffer¹
Fernando Gabriel Romero Wimer²

Resumo: O artigo analisa as relações comerciais e de investimento entre a Colômbia e a China no período delimitado de 2000 a 2018 por meio de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, utilizando-se de dados documentais e bases de dados oficiais dos governos supracitados. Para delimitação conceitual foram utilizados autores como Robert W. Cox, Giovanni Arrighi, Perry Anderson e Benjamin Creutzfeldt. O artigo é dividido em cinco partes principais que abrangem o desenvolvimento histórico desta relação, assim como a profundidade atual e perspectivas do relacionamento, objetivando-se compreender o papel da China na Colômbia no contexto internacional da ascensão chinesa.

Palavras-chave: Colômbia. China. Agronegócio. Exportação. Investimentos.

¹ Graduada em Relações Internacionais e Integração. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: schefferglaucya@gmail.com. ORC ID: <https://orcid.org/0000-0003-3180-0986>.

² Doutor em História pela Universidade de Buenos Aires. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: fernando.romero.wimer@gmail.com. ORC ID: <https://orcid.org/0000-0002-9254-6494>.

Abstract: The article analyses the trade relations and investment between Colombia and China in the period 2000 to 2018 through a qualitative and quantitative search, using documental data and governmental database. For conceptual deliberation it is used authors as Robert W. Cox, Giovanni Arrighi, Perry Anderson and Benjamin Creutzfeldt. The article is composed of five main parts that cover the historical development of this relation, as well as the current depth and prospects of the relationship, aiming to comprehend china's roll in Colombia at an international context of Chinese ascension.

Keywords: Colombia. China. Agribusiness. Exportation. Investment.

Resumen: El artículo analiza las relaciones comerciales y de inversión entre Colombia y China en el periodo de 2000 hasta 2018 por medio de una investigación cualitativa y cuantitativa, utilizando datos documentales y base de datos de los gobiernos supra citados. Para delimitación conceptual fueron utilizados autores cómo Robert W. Cox, Giovanni Arrighi, Perry Anderson y Benjamin Creutzfeldt. El artículo es repartido en cinco partes principales que abarcan el desarrollo histórico de la relación, así como la profundidad actual y perspectivas, objetivando comprender el papel chino en Colombia en un contexto internacional de ascensión china.

Palabras-clave: Colombia. China. Agronegocio. Exportaciones. Inversiones.

Submetido 06/08/2020

Aceito 05/11/2021

Publicado 29/12/2021

Introdução

O presente artigo pretende desenvolver uma pesquisa sobre as relações exteriores entre Colômbia e China em matéria econômica, focada nas *commodities* agro alimentícias, principalmente no Investimento Externo Direto (IED) e comercialização destas (exportação colombiana à China). Desse modo, buscará ser compreendido o desenvolvimento destas relações com os anos, levando-se em conta a realidade colombiana e chinesa e contextos internacionais, avaliando-se onde estes vínculos podem chegar a partir das conclusões feitas pelo desenvolvimento. O objetivo principal é caracterizar estas relações em meio a alterações na dinâmica global de poder – onde a China passou a ter uma participação importante nas economias latino-americanas – para assim encontrar a proporção do papel chinês na economia colombiana.

Ao pensar nessas dinâmicas globais de poder, entende-se a China como uma potência emergente (Wimer; Hellmund, 2020, p.2665), ou seja, possui tanto características de um potência com meios de confrontar economicamente e diplomaticamente a atual super potência (Estados Unidos da América) – a qual possui essa denominação por atravessar o campo econômico e diplomático e influenciar ativamente com sua própria cultura as sociedades que possui relações – ao mesmo tempo em que é um país em desenvolvimento, que buscará crescer exponencialmente até 2050 onde atingirá o objetivo primordial de sua política de longo prazo, que é o retorno a sua magnitude anterior às invasões e constrangimentos imperialistas (Rosales, 2020). Pensando nesse *status* chinês, suas relações econômicas e diplomáticas com a América Latina se baseiam na necessidade de matérias primas, principalmente hidrocarburos (Lee, 2013, p.83), mercados e alimentos, os quais seriam fatores fundamentais para manter o crescimento do país.

Nesse contexto, as relações entre Colômbia e China datam de poucas décadas atrás, supõe-se assim o papel dos Estados Unidos da América em desfavorecer a aproximação destes, possuindo vínculos muito estreitos com o país latino-americano, que possuía uma política externa direcionada a este em busca de benefícios a sua própria política doméstica. Desse modo, a aproximação começa depois da abertura comercial chinesa (1978), o que já define o caráter econômico dessas relações, que passam a crescer exponencialmente apenas na década de 2000 quando a China já está se firmando como um dos principais sócios comerciais internacionais

de diversos países. Neste parâmetro, a Colômbia é conhecida por possuir uma malha exportadora bastante embasada em petróleo cru e alguns derivados, sendo a *comodity* mais fornecida a China por sua parte. Por este ser o produto de mais foco, acabasse obscurecendo as outras *commodities* quando se analisa as exportações colombianas ao país asiático, desse modo será avaliado aqui o papel dos produtos do agronegócio de origem não animal e agro alimentícios em seu total, citando algo sobre flores.

O artigo é dividido em cinco partes contando a introdução, onde a segunda parte busca esclarecer os vínculos teóricos adotados neste trabalho para compreender a China no sistema internacional, bem como a Colômbia, mostrando-se como serão analisados os dados apresentados ao longo das páginas. Por terceiro, será feita uma organização de como as relações exteriores colombianas se deram ao decorrer dos tempos, entendendo-se como se deu contextualmente a aproximação desta com a China, ou seja, pensando-se em toda uma conjuntura para se chegar a uma política mais atual. Em quarto lugar, serão analisadas essas relações em um panorama econômico, focando-se nas commodities agro alimentícias, analisando em subtópicos o investimento externo direto e o comércio em si. Foca-se nas exportações do país latino-americano, porém as importações provindas do gigante asiático são tratadas para fins de análise e comparação. Por fim, serão feitas algumas reflexões próprias acerca da discussão desenvolvida, concluindo e resumindo o exposto.

Para estas etapas serem constituídas, será utilizado uma metodologia social-indutiva com uma abordagem tanto qualitativa como quantitativa, descrevendo as relações comerciais dos países aqui estudados e os investimentos chineses na Colômbia, de forma a buscar conclusões sobre as perspectivas desta relação, bem como compreendendo como elas se dão em relação à política e sociedade colombiana.

Elementos Teóricos para Caracterização da China e a Colômbia no século XXI

Os aspectos aqui descritos serão utilizados ao decorrer da argumentação de forma a compreensão se tornar intrínseca ao conteúdo. Porém, é antes importante delimitar alguns conceitos que serão tratados de forma clara para se iniciar a leitura sabendo onde se espera chegar.

Entende-se que se iniciou um processo onde os Estados Unidos passaram a perder hegemonia, o que possibilitou a ascensão de outros países à um *status* de maior importância no sistema internacional. Esses países que ascenderam a essa possibilidade se encontram em um processo de progressivo desenvolvimento de suas economias, conseguindo ir além de seu espaço geográfico ao estabelecer relações econômicas e diplomáticas que habilitam relações mais próximas e de interdependência desses países com outros antes alinhados automaticamente a super potência (EUA). Desses países em desenvolvimento, a China é a potência emergente de maior impacto nas relações de poder do sistema internacional, principalmente porque o peso de sua economia mundialmente cria um ambiente propício a aumentar os vínculos políticos (Wimer; Hellmund, 2020, p.2659-2665). A liderança no sistema internacional deve ser compreendida quanto aos aspectos coletivos de poder que geram resultados positivos, desse modo, a crise seria quando o Estado dominante responsável por liderar esse poder carece de vontade ou meios para continuar conduzindo esse sistema de Estados em um propósito final coerente (Arrighi, 2008, p.160). Nesse sentido, anteriormente, os EUA possuíam três formas de poder que asseguravam sua hegemonia: força militar, interdependência econômica e o capital cultural estadunidense (Anderson, 2015, p.148). Ou seja, a dominância no sistema internacional é pautada por uma legitimidade virtual, tanto moral quanto política e social, o que, segundo Cox (1995), significa o papel das capacidades materiais, ideias e instituições em juntas manter essa ordem mundial, o que é um conceito de hegemonia de matriz gramsciana. Os EUA possuíam os três, além disso, o país se pautava em uma política interna que se mistura com a externa, sendo necessidade deste povo levar suas conquistas ao exterior, o problema era que “não era a democracia liberal que deveria ser o padrão para a aceitação como parte interessada na ordem global que estava por vir, mas a ‘governança responsável’, desfrutando de legitimidade para ao padrões locais” (Anderson, 2015, p.161).

Segundo Giovanni Arrighi e Perry Anderson, o governo Bush e a Guerra ao Terror marcam a perda de credibilidade norte-americana tanto militarmente como em relação a sua moeda, sendo que, “entre 2001 e 2004, a China foi responsável por um terço do aumento total do volume mundial de importações” (Arrighi, 2008, p.216), bem como passou a fazer vários acordos econômicos de liberalização multilaterais o que já demonstrava a mudança no poder geopolítico (*Idem ibidem*, p.218), o que em 2009 convertia a China no primeiro exportador de

mundo e segundo importador, posições mantidas ininterruptas até a atualidade (Wimer; Hellmund, 2020, p.2668). Dessa forma, a virada conservadora estadunidense e a guerra ao terror marcam a entrada mais que econômica da China, mas também a perda de legitimidade interna e externa do governo dos EUA, o que trouxe a China a outro patamar quando esta brecha forneceu espaço para instituições com características de política externa do país asiático, o que poderia ser esboçado pelo Consenso de Pequim o qual é atraente ao Sul Global por se ajustar as realidades locais, além de defender o multilateralismo (*Idem Ibidem*, p.383).

Com essa ascensão econômica e com a abertura de algumas instituições fora dos termos estadunidenses, pode-se citar o Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS, a China vem ascendendo, mas este processo é longo (de queda e ascensão de novas potências), processo que os EUA tiveram para sua concretização a facilidade de ser apadrinhado da ex potência Grã-Bretanha (Anderson, 2015, p.149). Nesse sentido, a China atua como uma quebra de paradoxo, onde além de não ser uma democracia liberal, não aspira interferir na política interna dos outros países, o que coloca em questão até que ponto o país se tornaria um hegemón como os Estados Unidos.

Nesse contexto, a Colômbia é um país latino-americano o qual é historicamente descrito como o melhor amigo dos Estados Unidos na região, o que após será desenvolvido com precisão – como isso se deu e se dá até atualmente – o que demonstra que em matéria hegemônica no sentido *coxiano* de palavra, para a Colômbia, a China ainda não carrega o poder que os EUA possuem, e em uma perspectiva de 19 anos (2000-2019) não houve grande alteração nesta visão, sendo a prospecção favorável apenas à pautas econômicas e outros poucos pontos em convergência – turismo, por exemplo. Portanto, a China ainda marca distância em alguns aspectos de um hegemón, e a Colômbia como país periférico ainda possui grande subordinação à potência mais próxima, com a qual possui convergências não só em matéria econômica como política.

As Relações Exteriores da Colômbia: Evolução Histórica das Relações Colômbia-China

As relações diplomáticas colombianas com a China se iniciaram há apenas 40 anos atrás, em 1980, sendo o primeiro acordo assinado em 1981. Em comparação, o primeiro tratado da

Colômbia assinado com os Estados Unidos ocorreu em 1846, o qual já abordava a construção do Canal do Panamá (que na época fazia parte da Colômbia, outrora chamada Nova Granada), que veio em 1903 a ser um marco na ingerência estadunidense no continente. Desde este momento, a *Doutrina Monroe* se articulou reorganizando a geopolítica dos países sul americanos para que se construísse em torno ao seu poder que estava crescendo. Aqui reside o início do que marca até hoje, em partes, a realidade colombiana, um intervencionismo estadunidense, um alinhamento político e um comércio forte irrestrito com os EUA (Torres, 2010, p.193).

Ao perder o Panamá em 1903, Colômbia desapoderou-se de uma região que tinha potencial geopolítico para trazer ao país um maior grau de poder nas relações centro-americanas e caribenhas, o que não trouxe maior senso de nacionalismo se não um maior alinhamento das elites governamentais com a potência emergente (Torres, 2010, p.195 *Apud*), relação que foi amparado em 1914 pelo Tratado Urrutia-Thompson (Torres, 2010, p.197).

Segundo César Augusto Bermúdez Torres (2010), o alinhamento colombiano com os Estados Unidos só será balanceado por volta dos anos setenta, anteriormente sendo marcada por uma postura de *respice polum* (guiado pelos EUA), o que vai restringir a soberania colombiana e fazer com que a presença de capital estadunidense no país se fortifique (Torres, 2010, p.198-199-201). Esse balanço se deve à conjuntura internacional ter se dinamizado, existindo mais polos de importância para se cooperar, sendo o governo de Carlos Lleras Restrepo (1966-1970) o responsável por essa alteração da PE colombiana, denominado *respice similia* (indo de encontro aos seus semelhantes), PE que atendia nada mais que as necessidades deste período (Cardona, 2001, p.54). As políticas foram sobretudo guiadas pela bonança cafeeira que facilitou uma maior independência econômica do país (González, 2004, p.266).

Esta posição multilateralista retrai em meados dos anos 1980, quando alguns problemas se intensificam como a própria Guerra Fria, mas também a questão das substâncias psicoativas que passam a ser um problema internacionalizado (Torres, 2010, p.210), o que nos anos noventa, com a Queda do Muro de Berlim, é um movimento quase imperativo dos países centro-americanos e sul-americanos de se alinharem aos Estados Unidos e sua democracia liberal. Desde 1987 se há procurado diversificar as relações internacionais colombianas, estabelecendo relações diplomáticas com mais de 10 nações asiáticas (González, 2004, p.274). Concretizado

o viés ideológico das RI, este momento de vitória norte americana levou a abertura da economia dos países, a globalização e outros fenômenos que levaram a Colômbia ir em direção à China em busca de acordos rentáveis, como a entrada ao Foro de Cooperação Econômica do Pacífico (PECC) (Torres, 2010, p.2014). De acordo com Guzmán e Berger (2012), 1991 marca abertura comercial colombiana ao mundo, sendo que em 1995, mesmo o comércio com a China sendo pouco significativo, já representava um aumento de 17 vezes das exportações colombianas à China de um ano anterior (2012, p.90).

Nesta conjuntura, as relações EUA-Colômbia nunca se desligaram inteiramente, sendo que, como nos anos 80 o pilar central das relações internacionais colombianas passara a ser o narcotráfico, isso fortificou as relações de ambos países pelo grande apoio estadunidense nesta guerra as drogas (Torres, 2010, p.216), posto que, desde os anos 90 o país é o maior receptor de ajuda militar dos EUA do continente (González, 2004, p.281). Nesse quesito os governos Andrés Pastrana Arango (1998-2002) e Álvaro Uribe Vélez (2002-2006) são chave para a fortificação da participação dos EUA neste conflito – tanto das drogas quanto das contra insurgências – visto que após o 11 de Setembro, o terrorismo se tornou a máxima dos assuntos internacionais e de segurança nacional norte-americana, sendo que três grupos colombianos entravam neste conjunto: as FARC, o ELN e os paramilitares ou AUC (Cardona, 2001, p.55), o que em 2002, com a ruptura da busca de paz entre as FARC e Colômbia, alterou-se o discurso Pastrana alinhando-se ao antiterrorismo, aumentando a participação estadunidense na região, através de uma espécie de “intervenção por convite” (Tickner, 2007, p.92). Deste modo, a primeira fase do Plano Colômbia (2003) se iniciou (Milani *et al.*, 2015).

Em certo ponto essa cooperação em relação ao narcotráfico traz resultados positivos, o que vem de encontro ao objetivo de construção da paz de Pastrana (Plano Colômbia, 2000) (Cardona, 2001, p.58), o que, segundo Tickner (2007), resultou em mais de US\$ 4 bilhões de ajuda econômica, social e militar (principalmente), porém esta relação acabou por limitar a PE externa colombiana no ramo de seus problemas internos, o que traz problemas de diversificação comercial no país, o qual destinou aos Estados Unidos em 2000, 50% de suas exportações, sendo as importações de igual peso, além de ter diminuído as porcentagens com Ásia e Europa (Cardona, 2001, p.56). Neste momento, mesmo o multilateralismo estando nos objetivos de PE, a Ásia não fazia parte explícita destes planos, bem como, a relevância dos assuntos internos

obscurecera esse objetivo, acentuando as relações com os Estados Unidos. Ainda assim, a aproximação se dá em alguns pontos, além da já citada PECC, no governo Pastrana houve-se participação ativa no Conselho Econômico da Bacia do Pacífico (PBEC, acrônimo em inglês de *Pacific Basin Economic Council*), no Foro de Cooperação Econômica no Pacífico (APEC) e nas conversações do Foro de Cooperação América Latina-Ásia do Leste (FOCALAE/FOCALAL), sendo o país responsável pela coordenação da América Latina neste último entre 2002-2003 (Soto, 2001, p.83). Esse período, mesmo sendo de avanço leve em relação aos passos grandes com os EUA, já se observava o aumento da presença chinesa na economia deste país.

Em geral, uma ruptura efetiva com Washington nunca foi algo notável ou duradouro, e a ausência em relação a cooperação regional se embasa de maneira estrutural, enquanto com a Ásia a relação é muito fraca, neste momento – governo Pastrana – ainda se via uma luz ao fim do túnel em relação a China (Cardona, 2001, p.60). Ademais, a internacionalização dos problemas internos colombianos custou o relacionamento com os países vizinhos Sul Americanos, bem como custou parte da força do Estado, passando as atividades militares, políticas, sociais e econômicas às mãos de Washington (Tickner, 2007, p.106). A “Estratégia de Fortalecimento da Democracia e do Desenvolvimento Social 2007-2013” apresentada por Uribe no início de 2007, segunda fase do Plano Colômbia, buscou diminuição do papel de Washington, mas isso implicava que outros sócios internacionais apoiassem esta luta interna, o que não era interesse Europeu e muito menos Asiático, desse modo, a dependência financeira dos EUA se manteve (Tickner, 2007, p.106-107). Além disso, houve-se um processo de domesticação da política exterior colombiana que desacelerou a aproximação deste país com a China (David *et al*, 2019, p.65). A desaceleração do assunto militar acaba por convergir com as eleições de 2006 dos EUA, onde houve vitória democrata (Tickner, 2007, p.108). Em 2012, com Juan Manuel Santos no poder, se firma o acordo de livre comércio entre EUA e Colômbia após anos de discussões. Em 2015, é decretado o Acordo de Criação de Jurisdição Especial para a Paz, entre o governo e as FARC (Buelvas *et al.*, 2016, p.409-410), o que acentua a diminuição estadunidense na região, que após a mudança do direcionamento político colombiano, já iniciado com Santos procurando maior diversificação nas relações internacionais, se acentua, o que pode ser percebido pelo aumento de missões diplomáticas pelo mundo entre 2008-2018 (o

que demonstra continuação da política pro Iván Duque), o que marca o “interesse em materializar a liderança internacional de Colômbia sem afetar negativamente os interesses chave da cooperação militar com os EUA e a diversificação comercial e política” (David et al, 2019, p.70). Desse modo, não se deve esquecer as relações estruturais que EUA e Colômbia possuem, sendo de difícil modo o encerramento deste, por conta disso, cabe ressaltar o papel estritamente econômico que a China representa na Colômbia desde os primórdios da abertura comercial e desenvolvimento de interdependência colombiano, sendo que o embaixador estabelecido no país asiático, Luis Diego Monsalve Hoyos, é um ex funcionário da Proexport (*Idem Ibidem*, p.66), caracterizado pelo próprio sítio eletrônico da embaixada como um especialista em comércio exterior.

Relações Econômicas Colômbia-China no século XXI

A China é um país que vem ganhando espaço no sistema internacional e alterando a economia política global, fazendo com que as próprias políticas latino-americanas se veem em uma encruzilhada, necessitando alterações. O relacionamento da Colômbia com a China se deu tardiamente. Segundo Creutzfeldt (2019), foi um contato tumultuado por situações como a Guerra na Coreia do Norte, onde o país latino-americano apoiou aos Estados Unidos. Além disso, em 1920 as imigrações asiáticas à Colômbia foram bloqueadas, voltando apenas em 1980 durante a administração Julio César Turbay Ayala, o que gerou xenofobia na sociedade colombiana, a qual, em uma pesquisa recente, 45% de sua população via negativamente a expansão chinesa na região (Creutzfeldt, 2019, p.195). Esse problema em visualizar a China com bons olhos não é uma especificidade da Colômbia, a América Latina como um todo experimentou e ainda experimenta em partes essa visão “orientalista” sobre o país, o que se evidencia em relação a assuntos delicados, a exemplo recente do SARS-CoV-2 e as acusações sem provas tanto sobre o governo quanto sobre a população chinesa. Essa dificuldade é resultado principalmente da diferença da forma governamental adotada por ambos continentes, sendo que a AL zela por sua democracia e liberdade, sendo o tema dos direitos humanos recorrente, bem como o meio ambiente – mesmo com todas as fragilidades que esta democracia apresenta. De igual modo, a parte econômica ainda se sobreleva, e dentro da interdependência mundial tem uma função primordial para estes países em desenvolvimento.

No início do século XXI, a China já se tornava o segundo maior parceiro comercial da Colômbia, sendo que os investimentos aumentaram principalmente em setores de extração e agroindústria, além de se esperar atenção na área da infraestrutura – acontecimento que apenas se consumou em 2019 com o metro de Bogotá tendo a construção destinada a uma empresa chinesa, bem como frotas de ônibus elétricos em Medellín e Cali, concessão de uma rodovia e a construção de uma linha de trem na região metropolitana de Bogotá (Diálogo Chino, 2019) – (Armony, 2012, p.182-183). Pode-se dizer que esta relação econômica era quase inevitável frente a proporção que a China tomava no cenário econômico internacional, a qual até o ano 2000 não ocupava lugar de destaque como destino de exportações ou origem de importações mas que após o início do século elevou-se a um crescimento de quase 100%, sendo que até 2012 passou a ocupar o 5º mercado mais relevante (Rêgo, 2014, p.11-12). Segundo Slipak (2014) houve uma crescente necessidade chinesa por produtos básicos (primário-extrativistas), o que é relacionado a lógica capitalista de desenvolvimento, o que fortificou as relações com a AL desde 1990, e que em 2009-2010 refletiu em aumento de IED e relações diplomáticas. Os países latino americanos que mais sentiram este aprofundamento das relações foram Brasil, Chile, Peru, Uruguai, Venezuela, Colômbia e Argentina (Slipak, 2014, p.108).

A relação entre as duas nações se deu em caráter mais econômico desde a década de 1990 (Guzmán; Berger, 2012, p.90). Porém, é mais evidente este aumento após 2008³, o que os autores atribuem a dois fatores: o não firmamento do TLC EUA-Colômbia (o que também incentivou investimento), e o Acordo de Promoção e Proteção Recíproca de Investimentos (APPRI) firmado em 2008 entre China e Colômbia. Poderia ser citado também o governo de Uribe (2002-2010), o qual se declarava o aliado fiel de Washington na América (Creutzfeldt, 2019, p.192). Além disso, segundo Creutzfeldt (2019) as relações entre os países se fortificaram por intercessão do embaixador Wang Xiaoyuan, que entre 2011 e 2016 fez um trabalho considerável para efetivar esta relação (p.194). Este último fato é citado por conta que, assim como o autor, aqui se supõe que os perfis diplomáticos indicam também o vigor das relações bilaterais, mesmo não sendo aprofundado neste trabalho, o tema cerceia toda as relações econômicas bilaterais aqui expostas, pois diz muito sobre o nível de relação que os países

³ Principalmente após a crise de 2008, a qual é percebida nitidamente nos gráficos com a queda das exportações. Fonte: Ministerio de Comercio, Industria y Turismo (Colômbia);

desejam adquirir. Enquanto os EUA influenciam a política diretamente, a China ainda se encontra em um papel muito voltado ao mercado – os últimos três presidentes (Uribe, Santos e Duque) possuíam visões e metas neoliberais (*Idem Ibidem*, 2019, p.195).

Em relação a diplomacia e a dificuldade dos cidadãos chineses em obter visa para entrar na Colômbia, em 2015 foram feitas alterações facilitando a entrada destes no país sul americano, o que em 2017 se concretizou quando os países da Aliança do Pacífico acordaram reconhecer os vistos de um ao outros em relação a países terceiros. Esse acontecimento facilitou o ingresso de empresários e outros, o que passou a incrementar as relações econômicas destes países de IED (Creutzfeldt, 2019, p.197). Por fim, vale citar que Iván Duque foi o quinto presidente seguido em fazer uma visita oficial a Beijing e apresenta nos lineamentos da PE colombiana (2018-2022)⁴ a Cooperação Sul-Sul como uma prioridade, porém, mesmo com os aumento dos laços amigáveis, e o comércio, empresas e bancos chineses ainda não conseguiram consolidar-se na região (Creutzfeldt[2], 2019, p.321), sendo que Colômbia ainda se encontra em um patamar muito baixo nas relações com o gigante, se baseando em amizade e cooperação (El Espectador, 2019).

Investimento Externo Direto no Agronegócio

A taxa Investimento Externo Direto (IED)⁵ por parte do país Asiático à Colômbia sempre foi baixa, isso significa que mesmo tendo aumentado após os anos 2000, em 2010 ocupava o último lugar nos países da AL com apenas 0,01% dos investimentos na região (Guzmán; Berger, 2012, p.94) e em 2017 só representava 14% do que a China investiu na região (Creutzfeldt, 2019, p.191), o que também se deve ao fato de o IED chinês ter deslanchado apenas a partir de 2005 no mundo todo e, mesmo em 2011, a América Latina ter recebido apenas

⁴ Lineamentos de la Política Exterior de Colombia. Fonte: Embajada de Colombia en China;

⁵ Investimento Externo Direto (IED), de acordo com Creutzfeldt (2019) é “em essência, uma forma de investimento transfronteiriço com o objetivo de estabelecer um interesse duradouro que uma empresa sediada em um país pode ter em uma empresa que opera em outro país” (p.198), o qual pode ser realizado tanto pelo mecanismo de investimento *greenfield* (fundação de novas fábricas) como pelo *brownfield* (aquisição de empresas já existentes). CREUTZFELDT, Benjamin. China’s Foreign Direct Investment in Colombia. *China’s Foreign Investment in Latin America and the Caribbean: Conditions and Challenges*, p. 189-210, 2019;

15% do total dos investimentos chineses (os quais possuem sua medula na própria região asiática) (Guzmán; Berger, 2012, p.92-93). Até 2019 a China ainda era o segundo maior investidor asiático na Colômbia – atrás do Japão – porém aumentar o IED deste é um objetivo do governo, que busca investimentos principalmente na indústria 4.0⁶.

Além da já citada visão negativa que os colombianos possuem sobre os chineses, a falta de informação e engajamento especializado tiveram papel neste crescimento retardado. Vale citar que a o governo de Xi Jinping possui metas sobre aumento de intercâmbios comerciais, investimentos e infraestrutura que incentivam a procura chinesa por participação nas economias latino americanas, sendo que desde 2016 o número de acordos e *joint ventures* entre os países cresceu com regularidade (*Idem Ibidem*, p.195-196). Segundo o site de jornalismo independente, Diálogo Chino, a Colômbia seria o país mais cético ao investimento chinês, mesmo sendo este seu 2º socio comercial. Nesse contexto, 2019 foi considerado um marco pelo jornal da entrada chinesa no investimento em infraestrutura na região (principalmente em matéria de transporte), tendo em vista que, em 2018, os mesmos ônibus elétricos chineses da companhia BYD haviam sido recusados por Bogotá (Diálogo Chino, 2018). Mesmo assim, ao final de 2018 já haviam 70 companhias chinesas operando na Colômbia (Creutzfeldt, 2019, p.197), número que, segundo o site da embaixada colombiana na China, aumentou desde então, sendo as principais empresas: China Harbour Engineering Company, Watson Medical Appliance, Fotón, Express Luck, BYD, Huawei (presente na Colômbia desde 1999), ZTE, Miniso, Jiangling, entre outras.

Estas empresas investem em setores como telecomunicação, hidrocarburos, infraestrutura, tecnologia, sendo que, de acordo com Creutzfeldt (2019), a maioria se foca principalmente na área de óleos e gás, ou seja, o petróleo é o setor que recebe maior atenção do IED na Colômbia, sendo o petróleo cru seu maior item de exportação. Empresas que se destacam neste ramo são Sinochem's Emerald Industries e Sinopec, as quais enfrentaram resistência das comunidades em continuar seu IED nas regiões. De acordo com uma matéria do Diálogo Chino (2017) a população de Caquetá se expos veemente contra a estatal chinesa Sinochem e a exploração de petróleo por esta na região (ocorrido em 2016), posicionamento

⁶ Las gigantes oportunidades con China (2019). Fonte: Portafolio; disponível em: <<https://www.portafolio.co/economia/comercio-bilateral-colombia-china-531768>>;

que se mantem forte em no estado, o que impede a liberação da exploração por parte do governo colombiano por falta de ‘licença social’. Segundo o jornal, isso dificultou o governo de Juan Manuel Santos que necessitava do dinheiro da indústria extrativista para continuar o projeto de paz. Situações como esta aconteceram com outras empresas como Anglogold Ashanti, em Tolima; Ecopetrol, em Meta e Casanare; com a Eco Oro, em Santander e Sinopec. Além disso, Chocó, um departamento colombiano litorâneo, é outra região marcada pela desigualdade relacionada com investimentos chineses, como da empresa Capital Airports Holdings Company (CAH), que realizam investimentos pomposos os quais não beneficiam a população geral, que continua em uma situação de extrema pobreza (Diálogo Chino, 2018). Outros extrativistas, a presença de empresas chinesas é muito baixa, tendo alguma participação em ouro e algodão, relação que possui ligação com grupos criminosos e também gera conflitos sociais (Creutzfeldt, 2019, p.201).

O Governo Colombiano busca parcerias comerciais e aumento de investimentos há tempos – pode-se dizer que desde a abertura comercial por volta de 1990 – e um dos projetos mais importantes neste quesito é o PROCOLOMBIA, nascido em 1992. Além do governo e o programa ProColombia, o Ministério de Comércio, Indústria e Turismo (Mincomercio), os grêmios (Associação Empresarial Colombo-China (AECC)), as câmaras de comércio (Câmara Colombo-China de Investimento e Comércio (CCCIC)), os empresários, as autoridades departamentais, as agências de promoção de investimento regional, a Cancelaria e a representação diplomática são outros mecanismos citados pelo jornal La República (2019) como responsáveis por alcançar um aumento do IED na Colômbia, o qual entre 2018 e 2019 aumentou mais de 68%. Outrossim, outras estratégias governamentais como *Red Carpet*, a Lei de Financiamento (baixou tributos) e impulsionamento de Regiões Estratégicas de Internacionalização Prioritária, ajudaram na promoção do país, o que é apontado pelo governo como um grande ganho do governo Iván Duque.

Além disso, em 2019 o atual presidente colombiano Iván Duque fez uma viagem à China entre 29 e 31 de julho, procurando mais investimentos chineses na região principalmente em áreas como infraestrutura, telecomunicações, energia convencional, renovável e mobilidade elétrica (como a já citada empresa BYD), incentivando a Quarta Revolução Industrial. Esta visita aumenta a prospecção das relações bilaterais de comércio entre ambos países (tanto IED

quanto exportações), contribuindo também para turismo, Economia Laranja – ferramenta de desenvolvimento cultural, social e econômico fundamentada na criação, produção e distribuição de bens e serviços⁷ – e agroindústria. Nas palavras de Duque “Es dar um passo histórico”⁸.

Comércio Exterior de Commodities Agro Alimentícias

Em menos de uma década, as exportações colombianas ao país asiático não representavam 1% do total (Olmos *et al*, 2008). Entre 2000 e 2010, a intensidade exportadora de *commodities* da Colômbia à China foi de US\$ 29.36 milhões para US\$ 1966.62 milhões, indo da posição 36º para a 2º no ranking, de onde ainda não saiu⁹. Se analisadas as planilhas de exportações colombianas à China entre 1991-2018, em relação a produtos primários, a efetividade do aumento deste é concretizada apenas em 2003, após isso o aumento é exponencial, havendo queda apenas em 2008 – o que se explica pela crise desta época – mas até 2018 (até onde os dados foram analisados), o crescimento é incessante. Além disso, a porcentagem de participação dos produtos primários nesta exportação, foi avançando ano a ano, chegando a passar de 80% em 2018. Até os primeiros anos dos anos 2000, a variação desta porcentagem era desequilibrada, chegando em 2001 ser de 26,66%, o que após 2009 não baixou dos 80%. Isso demonstra, além de um aumento considerável nas relações econômicas dos países a partir dos anos 2000, o quanto esta relação é baseada em exportação de produtos primários, como petróleo e alguns derivados, carvão, ferroníquel, café, banana, esmeraldas e flores – chegando em 2018 a representar 94,24% das exportações¹⁰. Segundo El Espectador (2019)¹¹, mesmo flores e café fazendo parte da porcentagem das commodities, 89% são apenas petróleo

⁷ Economía Naranja. Fonte: Ministerio de Cultura (Colômbia);

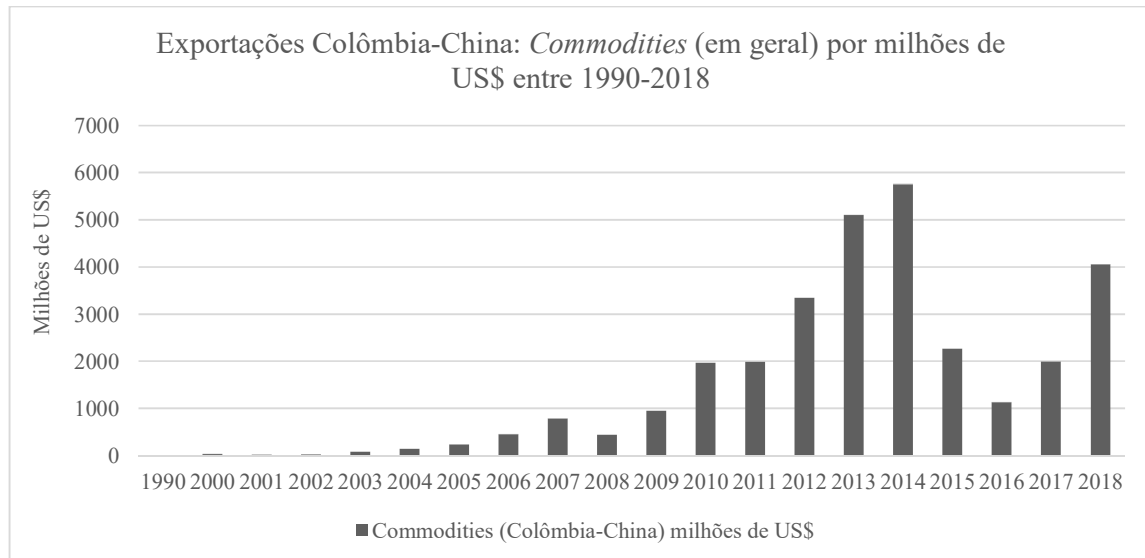
⁸ La audaz alianza de China con Colombia, el “mejor amigo” de Estados Unidos en Latinoamérica (2019). Fonte: BBC News Mundo en Colombia. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-49377586>>;

⁹ Fonte: SIGCI- Sistema Gráfico de Comercio Internacional. Disponível em: <https://sgo-win12-we-e1.cepal.org/dcii/sigci_trade_balance/sigci.html?idioma=e>;

¹⁰ Fonte: SIGCI- Sistema Gráfico de Comercio Internacional. Disponível em: <https://sgo-win12-we-e1.cepal.org/dcii/sigci_trade_balance/sigci.html?idioma=e>;

¹¹ China y Colombia, ¿en qué están? (2019). Fonte: El Espectador. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/el-mundo/china-y-colombia-en-que-estan-articulo-871098>>;

e ferroníquel, o que mais abaixo será pauta ao abortar o comportamento do governo em incrementar esta parte das exportações colombianas à China.



Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do SIGCI- Sistema Gráfico de Comércio Internacional (CEPAL)

É também observável que, a partir da administração de Álvaro Uribe (2002-2010), a disparidade entre exportações e importações aumentou, avançando mais rapidamente a partir de 2008, o que significa que as importações são mais robustas, e as exportações menores e de produtos de menor valor agregado, o que gera consequências gravíssimas na sociedade (Guzmán; Berger, 2012, p.75). Segundo o site da embaixada da Colômbia na China, em 2018 as exportações alcançaram um valor de aproximadamente 4,000 milhões de dólares, obtendo participação de 10% sob o total exportando – o que já é 89% a mais que em 2017 – ao passo que as importações ultrapassaram os 10,500 milhões de dólares, dos quais mais da metade das exportações fazem referência ao foco dos interesses chineses na região (setor minero energético) e as importações se fundam em produtos industrializados, o que registra a China como o maior déficit econômico do país com US\$ -3.190,9 milhões (Revista de Estudios Económicos, 2018, p.6).

Em sua política exportadora, segundo o site da embaixada da Colômbia na China, o país procura consolidar exportações de café, flores e açúcar, bem como ter maior acesso às frutas e carnes. No fim de 2019, segundo os perfis comerciais divulgados pela Organização Mundial do Comércio, os produtos agro alimentícios mais comercializados em ordem decrescente foram:

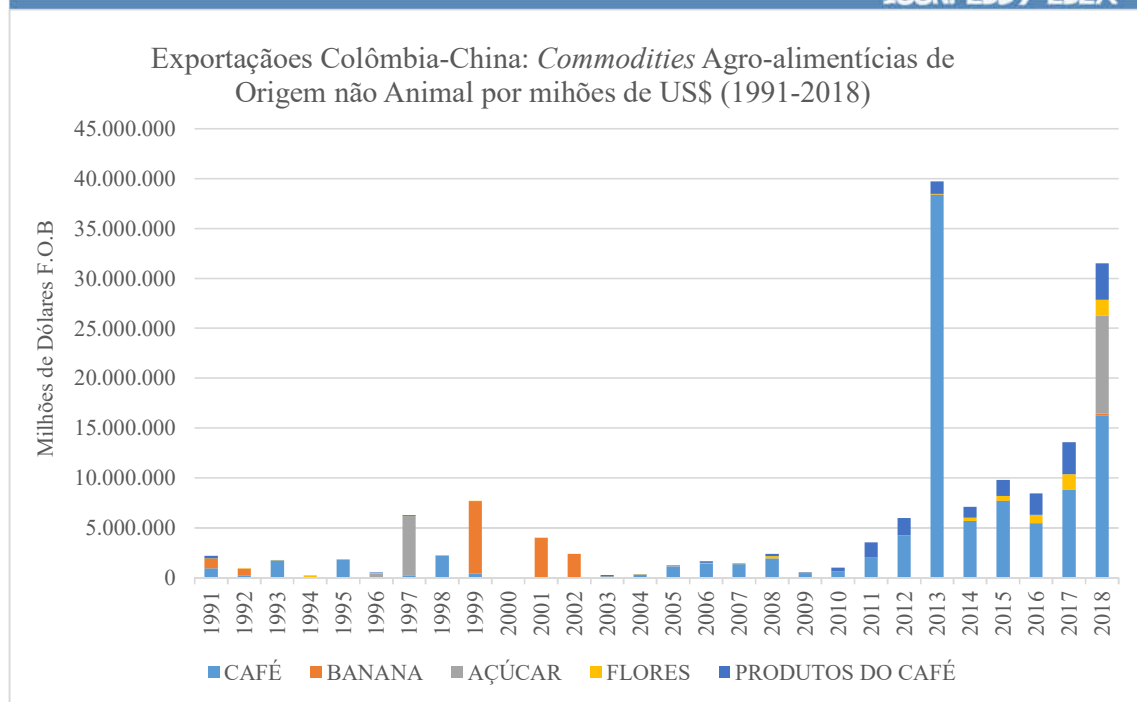
café, flores, bananas, azeite de palma, açúcar de cana ou de beterraba; além disso, estes equivalem a 19.4% do total das exportações. A busca por aumento de exportações destes produtos foi noticiada por várias plataformas online como o próprio Mincomercio, além de Finagro, CGNT, Portafolio e outros, afirmando o objetivo em 2019 de incrementar essa estirpe, assunto pautado na Expo Internacional de Importações de China (CIIE) em Shanghai. Esse objetivo, segundo Portafolio (2019) já havia sido traçado com a visita de Iván Duque à China após sua eleição, onde, além de procurar manter as exportações de petróleo cru, procuraria incrementar os itens importados pela China da Colômbia. De acordo com a CGNT (2019), produtos como café, banana, camarão e abacate são produtos competitivos e que deveriam ir em direção ao mercado chinês, alcançando assim maior diversificação. Com o fim de firmar este objetivo, a promoção e propaganda destes alimentos na China é de extrema importância, o que foi feito na visita de Iván Duque a Pequim no fim de julho de 2019, o qual foi considerado pela BBC um encontro que mudaria as relações entre ambos países. O café já possui grande aceitação em Beijing e sua demanda aumenta constantemente, a banana está avançando e, a partir de mecanismos como a World Avocado Organization (2016), da qual a Colômbia é membra, o abacate busca se consolidar. Segundo Serrano e Brooks (2019), a Colômbia possui grande potencial para o mercado de abacates, levando-se em conta a elevada produtividade ao mercado interno, potencial que pode ser transformado com o aumento de mercados como os do Estados Unidos, Europa e China pela fruta, a qual atualmente é encontra grande respaldo pela sociedade jovem (geração Millenium) que adere as novas dietas saudáveis e veganas e estilo de vida sustentável, onde a fruta tem grande reconhecimento pelo baixo grau de açúcares e muitas gorduras boas.

Por conta disso, o governo colombiano procura promover o alimento, o que em 2019 contribuiu para a assinatura de um Protocolo de Requisitos Fitossanitários que habitou a exportação de Aguacate Hass à China, país que em 2018 importou mais de US\$133 milhões deste produto de países como Peru e México¹². Segundo o portal da CGNT, isso tem relação também com o aumento dos salários da população, que passam a demandar maior qualidade alimentícia. Além disso, segundo o Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola

¹² China da luz verde al ingreso de aguacate Hass colombiano (2019). Fonte: Mincomercio. Disponível em: <<http://www.mincit.gov.co/prensa/noticias/comercio/china-da-luz-verde-al-ingreso-de-aguacate-hass-col>>;

(FIDA), até 2050 com a maior inserção das economias emergentes nos mercados e melhorarias sociais, a indústria alimentícia seria impulsionada. Com o aval sanitário, segundo a BBC, mais de 600 toneladas de abacate seriam destinadas ao país asiático, bem como a Colômbia se tornaria o segundo fornecedor de bananas à China, atrás do Equador – China é o maior consumidor da fruta. Ainda segundo o jornal, este seria um relançamento das relações entre ambos países.

Além do abacate, café e banana, o óleo de Palma é um produto agro que faz parte da exportação colombiana. O produto simboliza menos de 20%, o que parece pouco, mas ainda representa mais do que o abacate, que é um mercado que está sendo inserido agora de forma mais efetiva. O óleo da palma possui grandes polêmicas, onde tanto Indonésia e Malásia se viram em uma encruzilhada frente as campanhas internacionais alertando a emissão de gases que alteram o efeito estufa e os malefícios as populações de orangotangos das regiões desflorestadas. Nesse quesito, além de fazer parte dos produtos comercializados pela Colômbia, este país possui um sistema de plantio que ameniza os problemas ambientais, utilizando-se de terras que, todavia, já eram antigas áreas de pasto (o que ocorre desde 1940), diminuindo assim os níveis de carbono destas terras e atmosfera. Dessa forma, a Colômbia tira proveito da geração Millenium – assim como em relação ao abacate – por ter de possuir um rastreamento ambiental de suas produções que leva a opinião para um lado positivo, favorecendo sua comercialização.



Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do Ministerio de Comercio, Industria y Turismo (Colômbia)

Essas relações econômicas geram tanto a euforia de uns como a queda de outros. A exemplo dos fazendeiros de abacate, onde argumentam Angela Serrano e Andrew Brooks (2019) que enquanto são abertos mais mercados, são fechadas as expectativas de pequenos agricultores afetando a desigualdade entre os produtores do país. Isso acontece, pois, a mescla da iniciativa *Red Carpet* do governo colombiano, que busca investimentos externos diretos no país e tornou-o terceiro receptor de IED na AL em 2019, e o incentivo do governo às exportações, cria um sistema alimentar globalizado, que segundo os autores, deixa marcas na economia marginalizando antigos agricultores que agora não se adaptam as demandas de qualidade – as exportações demandam padrões, como se adequar a *GLOBAL.G.A.P Certification* – dinâmica que os fazem perder ambos mercados, interno e externo. Com as novas investidas do governo em aumentar não só a exportação de abacates como de banana e outros agro-alimentos, é de se avaliar que esta contradição continuará parte deste relacionamento, assim como os já citados problemas de cidades como Chocó em relação à desigualdade e investimentos mal destinados.

Síntese e Conclusões

Em suma, o engrandecimento das relações entre estes países acompanhou o crescimento da importância chinesa no mundo, principalmente a interdependência econômica que os países passaram a possuir com esta e o papel que ela passou a ter em matéria política, principalmente no sul global e em iniciativas como a Nova Rota da Seda. Pode-se aferir que as relações entre estes países possuem prospecção favorável, porém este relacionamento se fundaria não longe de onde já se encontra. Isso se deve ao fato de que os objetivos chineses não se encontram na necessidade de intervenção dentro dos países, e sim mais em uma relação de reciprocidade – baseada em fundamentos confucionistas – o que na América Latina se finda na necessidade de recursos e matérias primas (hidrocarburos) e assim em uma reciprocidade para que a China possa continuar seu objetivo de retorno ao centro do mundo, a ascensão pacífica. Atualmente, as relações não passam de estritamente comerciais, onde ambos países se veem deste modo, podendo evoluir em áreas como turismo e intercâmbio cultural, continuando uma postura de maior afeto político com Washington. Mas a dinâmica das relações econômicas internacionais nunca está à margem da evolução das relações políticas e diplomáticas; portanto, é aberto o jogo das correlações de força e influências entre os Estados Unidos e China no interior do Estado Colombiano.

No início deste ano em uma reunião entre EUA e Colômbia¹³, onde uma das pautas foi o retorno às fumigações das plantações de coca na Colômbia, bem como alinhamento – o que inclui as medidas contra a Venezuela – e colocar em andamento o acordo de livre comércio de 2013, além de falar sobre investimentos e objetivos colombianos como a Economia Laranja já citada. Quando se fala sobre o encontro meses antes entre Colômbia e China, apenas metade destes assuntos são mencionados – investimentos, indústria 4.0, acordos comerciais – o que evidencia a conclusão sobre o pouco desenvolvimento das relações do gigante asiático e o “melhor amigo” de Washington na América Latina. Enquanto se fala sobre a necessidade de

¹³ ‘Si no se fumiga, no vamos acabar con las drogas en Colombia’: Trump (2020). Fonte: El Tiempo. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/mundo/eeuu-y-canada/trump-pide-a-colombia-la-reanudacion-de-las-fumigaciones-aereas-468152>>;

fumigar ou não, enquanto se procuram soluções para problemas internos em conjunto com os EUA, à China resta vender o glifosato utilizado nestas pulverizações¹⁴.

Referências

ADAM, David. Será que a Colômbia encontrou a solução para o óleo de palma sustentável? **Diálogo Chino**, 9 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/agricultura-pt-br/32626-sera-que-a-colombia-encontrou-a-solucao-para-o-oleo-de-palma-sustentavel/>>. Acesso dia 23 de abril de 2020.

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. Boitempo Editorial, 2015.

ARMONY, Ariel C. *A View from Afar: How Colombia Sees China*. **The China Quarterly**, v. 209, p. 178-197, 2012. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=A+View+from+Afar%3A+How+Colombia+Sees+China&btnG=>>.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. Boitempo Editorial, 2008.

ASUNTOS Económicos. Cancillería de Colombia. Disponível em: <https://china.embajada.gov.co/colombia/asuntos_economicos>.

BERMÚDEZ, Marco. Comportamiento de las exportaciones colombianas, 2010-2018. **Revista Estudios Economicos**, vol 3, nº 1, 2018. P.83-91.

BORDA GUZMÁN, Sandra; BERGER, María Paz. Relaciones bilaterales China y Colombia: 1990-2010. **Colombia Internacional**, n. 75, p. 83-129, 2012. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/colombiaint75.2012.04>>.

BUELVAS, Eduardo Fidel Pastrana; GEHRING, Hubert. **Política exterior colombiana: escenarios y desafíos en el posconflicto**. Pontificia Universidad Javeriana, 2016.

CALDERÓN, Edwar. As economias extrativistas e seu impacto no Pacífico Colombiano. **Diálogo Chino**, 25 de maio de 2018. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/pt/11193-as-economias-extrativistas-e-seu-impacto-no-pacifico-colombiano/>>. Acesso dia 01 de abril de 2020.

CARDONA, Diego. La política exterior de la administración Pastrana (1998-2002): Hacia una evaluación preliminar. **Colombia Internacional**, No. 53. Centro de Estudios Internacionales, Universidad de los Andes. Bogotá, setembro/dezembro 2001. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/colombiaint53.2001.03>>.

CHINA da luz verde al ingreso de aguacate Hass colombiano. **Mincomercio**, 31 de julho de 2019. Disponível em: <<http://www.mincit.gov.co/prensa/noticias/comercio/china-da-luz-verde-al-ingreso-de-aguacate-hass-col>>. Acesso dia 02 de abril de 2020.

¹⁴ Colômbia aposta no glifosato chinês para controlar plantio de coca (2019). Fonte: Diálogo Chino. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/agricultura-pt-br/29391-colombia-aposta-no-glifosato-chines-para-controlar-plantio-de-coca/>>;

COLÔMBIA busca exportar más agroindustriales a China. **Portafolio**, 10 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.portafolio.co/economia/colombia-busca-mas-espacio-para-productos-agroindustriales-en-china-535432>>. Acesso dia 02 de abril de 2020.

CONOZCA a PROCOLOMBIA. PROCOLOMBIA Exportaciones Turismo Inversión Marca País. Disponível em: <<https://procolombia.co/nosotros/conozca-procolombia>>.

CONSTAIN, Manolo Villa. **Una Mirada Multidimensional a Las Interacciones Entre La República Popular De China Y América Latina (1951-1989): Los Casos De Chile, Colombia Y Perú**. 2012. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=baUna+mirada+multidimensional+a+las+interacciones+entre+la+Rep%C3%BAblica+Popular+de+China+y+Am%C3%A9rica+Latina+%281951-1989%29%3A+los+casos+de+Chile%2C+Colombia+y+Per%C3%BA1&btnG=>>.

CREUTZFELDT, Benjamin. China's Foreign Direct Investment in Colombia. **China's Foreign Investment in Latin America and the Caribbean: Conditions and Challenges**, p. 189-210, 2019. Disponível em: <https://dusselpeters.com/CECHIMEX/20190804_CECHIMEX_Libro_Chinas_Foreign_Direct_Enrique_Dussel_Peters.pdf>.

CREUTZFELDT, Benjamin. Chinese Financing in Colombia. **China's Financing in Latin America and the Caribbean**, p. 321-336, 2019. Disponível em: <https://dusselpeters.com/CECHIMEX/20191001_CECHIMEX_REDALC_Chinas_financing_in_Latin_America_and_the_Caribbean_Enrique_Dussel_Peters.pdf>.

Cuadros estadísticos de la OFDI de China. RED ALD-CHINA. Disponível em: <<https://www.redalc-china.org/monitor/informacion-por-pais/busqueda-por-pais/31-colombia>>.

EL momento del Agro. **Finagro**. Disponível em: <<https://www.finagro.com.co/noticias/el-momento-del-agro>>. Acesso dia 01 de abril de 2020.

FERNÁNDEZ DE SOTO, Guillermo. Logros de la política exterior de Colombia: 1998-2002. **Colombia internacional**, n. 53, p. 76-93, 2001. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/colombiaint53.2001.04>>.

GALEANO DAVID, H.; BADILLO, R.; RODRÍGUEZ, M. Evolución de la política exterior de Colombia en el período 2002-2018. **OASIS**, n. 29, p. 57-79, 28 fev. 2019. Disponível em: <<https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/oasis/article/view/5880>>.

GONZÁLEZ, Roberto. La política exterior de Colombia a finales del siglo XX. **Primera aproximación. Investigación y Desarrollo**, Vol. 12, No. 2, p. 258-285, Universidad del Norte. Barranquilla, dezembro 2004. Disponível em: <<http://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/investigacion/article/viewFile/1077/664>>.

IMF DATA, Access to Macroeconomic & Financial Data. International Monetary Fund. Disponível em: <[//data.imf.org/?sk=9D6028D4-F14A-464C-A2F2-59B2CD424B85](https://data.imf.org/?sk=9D6028D4-F14A-464C-A2F2-59B2CD424B85)>.

ITC TRADE MAP. Disponível em: <<https://trademap.org/Index.aspx>>.

LA relación de inversión entre Colombia y China tiene un gran potencial de desarrollo. **Presidencia de la República**, Bogotá, 26 de julho de 2019. Disponível em:

<<https://id.presidencia.gov.co/Paginas/prensa/2019/190726-La-relaci%C3%B3n-de-inversion-entre-Colombia-y-China-tiene-un-gran-potencial-de-desarrollo.aspx>>. Acesso dia 02 de abril.

LEE, Y. La diplomacia pública y el «*soft power*» de China en América Latina. **La diplomacia pública de China en América Latina. Lecciones para Chile**. Santiago de Chile: RIL Editores, p. 71-120, 2013.

LEÓN, Carlos Eduardo. Colombia y Latinoamérica en la mundialización: hacia una inserción ventajosa y estable. **Contexto**, v. 10, p. 31, 2001. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Colombia+y+Latinoam%C3%A9rica+en+la+mundializaci%C3%B3n%3A+hacia+una+inserci%C3%B3n+ventajosa+y+estable.+&btnG=>>.

LIÉVANO, Andrés Bermúdez. A China não pode explorar petróleo na Colômbia. **Diálogo Chino**, 21 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/pt/10066-a-china-nao-pode-explorar-petroleo-na-colombia/>>. Acesso dia 01 de abril de 2020.

LIÉVANO, Andrés Bermúdez. Bogotá diz não a ônibus elétricos chineses. **Diálogo Chino**, 8 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/pt/12261-bogota-diz-nao-a-onibus-eletricos-chineses/>>. Acesso dia 31 de março de 2020.

LIÉVANO, Andrés Bermúdez. Colômbia aposta no glifosato chinês para controlar plantio de coca (2019). Fonte: **Diálogo Chino**, 01 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/agricultura-pt-br/29391-colombia-aposta-no-glifosato-chines-para-controlar-plantio-de-coca/>>. Acesso dia 06 de abril de 2020.

LIÉVANO, Andrés Bermúdez. O ano do transporte chinês na Colômbia. **Diálogo Chino**, 19 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/infraestrutura-pt-br/32249-o-ano-do-transporte-chines-na-colombia/>>. Acesso dia 31 de março de 2020.

MILANI, Carlos; TUDE, Joao Martins. Globalização e relações internacionais: casos de ensino. Editora FGV, 2015.

MIRANDA, Boris. La audaz alianza de China con Colombia, el "mejor amigo" de Estados Unidos en Latinoamérica. **BBC News Mundo en Colombia**, 26 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-49377586>>. Acesso dia 06 de abril de 2020.

MIRANDA, Boris. La audaz alianza de China con Colombia, el “mejor amigo” de Estados Unidos en Latinoamérica. **BBC News Mundo en Colombia**, 26 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-49377586>>. Acesso dia 06 de abril de 2020.

OLMOS, Jaime Rafafel Ahcar; MEDINA, Emma Osorio. Incrementando las relaciones comerciales entre Colombia y China. **estud.gerenc.**, Cali, v. 24, n. 109, p. 127-165, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-59232008000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 02 de abril de 2020.

PERFILES Comerciales 2019. **Organización Mundial del Comercio**. Disponível em: <https://www.wto.org/spanish/res_s/publications_s/trade_profiles19_s.htm>.

RÊGO, Tainá Cardoso de Lima da Costa. Crescimento Chinês na Primeira Década do séc. XXI e suas Consequências na Economia Global e no Comércio Exterior Brasileiro. 2014. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado)- Escola de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio

de Janeiro, novembro de 2014. Disponível em:

<<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/733/1/Monografia%20-%20Tain%C3%A1%20Cardoso%20DRE110059109.pdf>>.

ROSALES, Osvaldo. **El Sueño Chino – Cómo se ve China a sí misma y cómo nos equivocamos los occidentales al interpretarla**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina; Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2020, 240 pp.

SERRANO, Angela; BROOKS, Andrew. Who is left behind in global food systems? Local farmers failed by Colombia's avocado boom. **Environment and Planning E: Nature and Space**, v. 2, n. 2, p. 348-367, 2019. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Who+is+left+behind+in+global+food+systems%3F+Local+farmers+failed+b+y+Colombia%E2%80%99s+avocado+boom&btnG=>>.

SLIPAK, Ariel Martín. América Latina y China: ¿cooperación sur-sur o Consenso de Beijing? **Nueva Sociedad**, n° 250, p. 102-113, 2014. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/92337/CONICET_Digital_Nro.6f2ef238-59fc-4476-b25e-1c022edbc84c_A.pdf?sequence=2>.

TICKNER, Arlene B. Intervención por invitación: Claves de la política exterior colombiana y de sus debilidades principales. **Colombia Internacional**, No. 65, p. 90-111 Centro de Estudios Internacionales, Universidad de los Andes. Bogotá, 2007. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/colombiaint65.2007.04>>.

TORRES, César Augusto Bermúdez. La doctrina *respice polum* ("Mirar hacia el norte") en la práctica de las relaciones internacionales de Colombia durante el siglo XX. **Memorias**, Año 7, N°12. Barranquilla, julho, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/855/85514493011.pdf>>.

TRATADO EUA-COLÔMBIA, 1846. Cancillería de Colômbia. Disponível em: <<http://apw.cancilleria.gov.co/Tratados/adjuntosTratados/US-12-12-1846.PDF>>.

VILLA, Camilo Defelipe. La proyección de Colombia hacia el Asia-Pacífico en un contexto de posacuerdo. **Política Exterior Colombiana Escenarios y Desafíos en el Posconflicto**, p. 567-594, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Margarita_Cuervo/publication/330398518_El_camino_de_Colombia_hacia_la_OCDE_un_catalizador_de_medidas_domesticas_favorables_para_el_posconflicto/links/5c3e0870299bf12be3c9f24c/El-camino-de-Colombia-hacia-la-OCDE-un-catalizador-de-medidas-domesticas-favorables-para-el-posconflicto.pdf#page=568>.

WIMER, Fernando Romero; HELLMUND, Paula Fernandez. La larga marcha de China como potencia global. **Revista Izquierdas**, n° 49, p.2658-2683, abril, 2020. Disponível em: <<http://izquierdas.cl/ediciones/2020/numero-49>>.

YUHENG, Zhao; PENG, Wang. Colombia looks to increase agricultural exports to China. **CGNT**, 31 de julho de 2019. Disponível em: <<https://news.cgnt.com/news/2019-07-31/Colombia-looks-to-increase-agricultural-exports-to-China-IMeTy1Lm2k/index.html>>. Acesso dia 02 de abril de 2